

Valéria Cordeiro

Produtora da Feira da Música de Fortaleza

“Há coisas boas no Brasil inteiro, de todos os estilos. E para todos os gostos musicais. Por que só ouvir isso ou aquilo? Deixe entrar outra coisa, se permita.”

Entrevista realizada por Sergio Cohn no dia 29 de maio de 2010, em São Paulo.

Valéria Cordeiro

A experiência com a música no Ceará trouxe os novos rumos para o trabalho de produção cultural de Valéria Cordeiro. Ex-professora, fã de festas e de shows, resolveu trabalhar integralmente com música. Valéria assumiu com outros ativistas cearenses a tarefa de criar novos espaços para a arte. Participou junto com Ivan Ferraro da criação da Associação dos Produtores de Disco do Ceará (Prodisc), que desencadeou um boom de intercâmbio e de criação no Nordeste ao realizar a Feira da Música de Fortaleza.

Se a primeira edição da feira foi praticamente limitada a cearenses, as edições seguintes foram crescendo de forma natural, já estabelecendo conexões com estados vizinhos. A feira, com a efervescência de shows, palestras, oficinas, é hoje um marco da agenda cultural do país. A associação Prodisc também é um Ponto de Cultura em Fortaleza, que ministra palestras, oficinas e mantém um estúdio de gravação. Valéria também integra o coletivo Rede Ceará de Música (RedeCem), ligado ao Circuito Fora do Eixo, no qual um dos articuladores é o produtor cuiabano Pablo Capilé

A Feira da Música e a articulação com o Circuito Fora do Eixo têm rendido muitos frutos. Graças a eles, desencadeou-se uma espécie de corrente entre as praças que valorizam as manifestações artísticas locais. Segundo Valéria, a ideia é sepultar o velho pensamento de que para ser reconhecido, um talento tenha que migrar para o eixo Rio-São Paulo. “Se estou em Quixadá e quero fazer meu show, eu posso. Começo ali. Esse é o primeiro passo.”

Como começou a Associação dos Produtores de Disco do Ceará, a Prodisc?

Começou durante as reuniões do Fórum Permanente de Música do Ceará [*espaço independente criado em 2004 para reunir professores, estudantes, músicos profissionais e amadores, produtores e amantes da música*]. Algumas pessoas eram mais próximas e tinham objetivos em comum. Assim, pensando na realização de um evento que viabilizasse algumas questões para a música no estado, o pessoal se juntou e criou a Prodisc e a Feira da Música. Eu estava junto com o produtor musical Ivan Ferraro no início desse movimento no Ceará. Ele hoje é vice-presidente da Prodisc.

Você já atuava com produção fonográfica e produção cultural?

Com produção cultural: shows, festas e cinema. Já tinha feito alguns longas, mas fazer cinema no Ceará não é exatamente uma coisa muito fácil. Aí você vai fazendo uma coisa e outra. Mas fui pega mesmo pelo trabalho da Prodisc e pela organização da Feira de Música, que toma o ano inteiro.

Como nasceu essa iniciativa da Feira da Música?

A princípio, era um ambiente para reunir outros produtores do Nordeste e do Brasil, para que a gente pudesse ouvir e conhecer as iniciativas que estavam sendo feitas. E, claro, ver o que era possível fazer no Ceará. Ao mesmo tempo, queríamos entender qual era exatamente a participação do Ministério da Cultura no apoio aos projetos, porque a gente se sentia fora de tudo. Poucos projetos eram apoiados pelo ministério. Nesse encontro, a gente queria conversar com mais gente, ter mais informações e trazer também bandas, mostrar para a moçada o trabalho que estava sendo feito em outros estados. A gente queria que a feira fosse realmente um grande encontro.

Essa aproximação com os estados do Nordeste já surgiu na primeira feira?

Na primeira feira a gente fez convites, abriu inscrições, mas trabalhou primeiramente a cidade e o próprio estado, porque estava muito difícil a aproximação entre os grupos diferentes. A gente propôs primeiro uma feira que juntasse o pessoal da cidade. Aí convidamos algumas pessoas, representantes do ministério e das secretarias de cultura, para conversar um pouco sobre este cenário. Fizemos também oficinas e workshops para que houvesse um nivelamento das discussões. E foi um susto fazer a primeira feira, foi algo realmente maior do que a gente imaginava. Aliás, encontros assim é sempre um negócio que me emociona. É quando você vê gente de todo canto do Brasil em uma tentativa de entendimento, com o desejo de que as coisas deem bem certo. Assim foi a sensação da primeira feira.

Na segunda edição da feira, a gente realmente se organizou para fazer um encontro maior para o Nordeste. Foi surpreendente. Desde o começo, a feira convida os participantes, mas não paga transporte nem cachê, porque a ideia é que se aproveite a feira justamente para fazer negócios, parcerias e acertar intercâmbio com outros estados. E mesmo sem bancar custos dos grupos, a adesão foi muito grande. A gente fez e faz um trabalho paralelo de visitar todos os estados antes para organizar caravanas que facilitem o acesso. Isso tudo em parceria com o Sebrae, com as secretarias de cultura e com fundações. Um ônibus pode trazer três, quatro, cinco grupos. São caravanas de músicos, jornalistas, luthiers. Desde essa segunda edição, a gente coloca todo mundo no mesmo hotel e isso se transforma em uma grande festa, uma grande confraternização. Depois dos workshops e das apresentações, os encontros continuam nos hotéis. Cada ano ficava mais interessante. E fomos tentando dar um norte a essas discussões, organizar uma rede e fazer projetos comuns.

A Prodisc é uma associação criada em 2001. Quais eram as questões centrais para os produtores e músicos cearenses naquele momento?

Há alguns anos já pensamos em mudar esse formato de associação de produtores de disco, mas seguimos trabalhando e esquecemos disso (*risos*). Em Fortaleza, existem vários estúdios bons. Como em todo o canto, os músicos conseguiam fazer os seus discos ou por edital, ou com seu recurso próprio, ou com patrocinador. Aí todo mundo fazia os seus CDs, os seus discos, mas o que fazer com eles? Como distribuir? Era o problema de todo mundo. E a divulgação e os direitos do fonograma? Eram os mesmos problemas. Não havia rádios com interesse nessa música, fora rádio universitária. Existiam somente pequenos shows na cidade e o negócio estava completamente engarrafado. Um ou outro que conseguia fazer uma viagem e voltar com alguma novidade. Essa era a questão: quais bandas e quais trabalhos poderiam romper com isso, serem mais aceitos, já que se passou um tempo com trabalhos muito parecidos.

E você fala de qual gênero principalmente nesse cenário musical do Ceará?

A gente veio de uma coisa riquíssima nos anos 70 que foi o “Pessoal do Ceará”, que todo mundo conhece [*a expressão ficou famosa por se referir aos cearenses Fagner, Ednardo, Belchior e Amelinha*]. Essa música vinha de Ednardo e também com Teti, Rodger Rogério e outros. E isso durou muito e parecia com o que rolava em quase todo Nordeste. O que foi acontecendo de mais diferente mesmo era o rock and roll. Quando a gente começou a Feira da Música, tinha muita coisa parecida nos grupos do Nordeste. Na sequência, começaram novas coisas. E, em Fortaleza, de repente, se começou a enxergar vários grupos, que diziam coisas diferentes, de formas diferentes.

Dê alguns exemplos dessa mudança.

A Karine Alexandrino era uma. Há alguns anos, era muito surpreendente você encontrar os shows da Karine na cidade. Aí a gente foi conhecendo os outros grupos de Pernambuco, da Paraíba e de outros lugares. De Pernambuco vinha o trabalho muito interessante do Mombojó, por exemplo. Esse novo cenário foi dando um ar à própria feira. Cada vez que se trazia os grupos diferentes, mais você sentia a cidade se movimentar e se questionar.

A partir desse primeiro momento da feira, apareceram também o boom da internet, como uma rede de distribuição de música, e o Fora do Eixo. Como isso influiu na feira?

Fora do Eixo é relativamente novo. A gente iniciou há uns quatro anos o

que seria uma rede Nordeste. A partir daí, a gente começou também a sair para encontrar as pessoas em outros eventos, no Mercado Cultural, no Porto Musical. A gente ia e continuava as discussões. A gente achou que era importante que esse grupo que discutia o Nordeste fizesse uma rede de discussão. Mas a rede não durou muito, se dispersou. Convidamos o Pablo Capilé para ir para Fortaleza, para a Feira da Música, e ele mexeu com todo mundo. Aquela conversa de “vamos agregar” e “está todo mundo junto”. Era muito fácil porque você falava com todo mundo, com o Brasil inteiro, rapidamente. Se você quer botar uma coisa em discussão no Brasil inteiro, joga no Fora do Eixo. Ninguém dorme no Fora do Eixo. Qualquer hora que você entra no Messenger, tum!. Não tem uma hora que não tem alguém do Fora do Eixo no ar, é um negócio impressionante. Não conheço outra coisa desse tipo. Aí a gente foi para o Congresso Fora do Eixo, no Acre, com quase 200 pessoas juntas, do Brasil inteiro, onde a gente realmente se conheceu melhor.

E o Ponto de Cultura da Prodisc, como nasceu?

Fomos contemplados com um Ponto de Cultura a partir da parceria com a prefeitura de Fortaleza. Possui um pequeno estúdio, que é um estúdio mix e que funciona a preço de nada: chega lá e conversa para saber o que pode e o que não pode fazer. O espaço funciona para planejamento, para projetos, para produção, para gravação. O espaço onde funciona o Ponto de Cultura já tinha muita atividade ligada à música, o tempo inteiro. Quando nos tornamos Ponto de Cultura também começamos a fazer oficinas. Recebemos o professor Ioshiaqui Shimbo, da UFSCar, que fez uma oficina de planejamento para a Rede Ceará de Música (RedeCem). Também fizemos oficinas para TVs, rádio e web. A Feira da Música, por exemplo, tem seis palcos funcionando todos os dias. Então, nesses anos todos, a gente foi fazendo oficinas e formando uma galera, botando o pessoal para fazer estágio, para ter equipes mais preparadas.

Essa formação de produtores culturais tem que ser feita na prática mesmo?

É. A Secretaria de Cultura, no ano passado, abriu para o interior um curso de produção cultural. E as oficinas de produção cultural, a gente foi organizando. Na prática, a gente coloca um produtor com mais experiência e os assistentes. Também criamos a figura do “anjo” que a gente começou a usar na Feira de Música – e acabou sendo usada em quase todos os projetos no estado. É um jovem, na sua primeira experiência, que gosta da área, tem interesse e acompanha tudo. Assim vai ganhando experiência. Se ele acha interessante, ele vai por aquela outra área, senão, pode ir fazer um teste em outra. A gente dá uma

ajuda de custo para ele. O projeto banca transporte e alimentação pelo tempo que ele estiver acompanhando, cerca de três horas. E está funcionando muito bem. Já existem vários “anjos” que se tornaram ótimos assistentes.

Essa questão é de formação técnica. E para a produção cultural, no estúdio, por exemplo? Vocês têm produtores qualificados, formados tecnicamente?

A gente está pensando em lançar um edital para o uso do estúdio. A gente vai abrir, as bandas vão se inscrever e vai haver um técnico para ser uma espécie de supervisor, que deve ser o mesmo que já acompanha normalmente os trabalhos. Esse é o nosso próximo projeto. Mas, hoje, o estúdio já funciona e o técnico acompanha a gravação das bandas. A gente tem alguns roadies que são parceiros – já foram para muitas produções, gravações, masterizações e fazem o trabalho de montagem de palco –, que também acompanhavam nosso estúdio. Mas esse é um perfil de profissional que a gente precisa trabalhar bem nas formações técnicas.

Você já disse que a Feira da Música buscava colocar em rede alguns temas comuns. Quais eram esses temas?

As necessidades eram muito parecidas. O Sebrae, por exemplo, tinha um projeto regional chamado Esquina Brasil que surgiu assim. Conversando com uma pessoa do núcleo de cultura, a gente descobriu que o Sebrae trabalhava com o tema, aí propusemos: “Por que a gente não chama a moçada do Rio Grande do Norte e da Paraíba e faz um projeto integrado?”. Juntamos os Sebraes e a moçada que a gente conhecia para fazer o projeto. O Esquina Brasil [*parceria entre os Sebrae do Rio Grande do Norte, do Ceará e da Paraíba com a Prodisc, que reuniu trabalhos de músicos dos três estados; foram produzidos 3 mil kits de CDs promocionais*] uniu vários grupos.

Como foi o Esquina Brasil?

Era um projeto no qual os grupos se inscreviam. Cada estado mandava as inscrições dos grupos para fazer um CD que juntasse os grupos dos vários estados. Eles mandavam as inscrições, fazia-se uma curadoria, e aí saiu esse primeiro CD. Acho que foram dez grupos de cada um dos três estados. Era em cima da metodologia trabalhada pelo Sebrae. Aliás, o Sebrae fazia feira de negócios para tudo e a gente estava ali para fazer uma feira da música. Para os técnicos do Sebrae, era difícil entender como funcionava a cultura. Na época, acho que nenhum Sebrae tinha um núcleo de cultura, talvez só São Paulo. Lá no Ceará, ficamos provocando para o nosso Sebrae

ter um núcleo. Há dois anos montamos uma rodada de negócios da música que é usada em todos os eventos do Sebrae.

Como é isso?

É uma tecnologia para juntar compradores e vendedores. Eles recebem as inscrições, as pessoas dizem o que querem comprar, e aí eles fazem um cruzamento. Na hora do evento, você agenda esses cruzamentos. O comprador, por exemplo, senta numa mesa e aí tem uma série de pessoas que vêm conversar com ele. O Centro Cultural Banco do Nordeste tem o Rock Cordel [*programa musical para apreciadores do movimento alternativo do rock e da cultura popular*], o BNB Instrumental [*apresentações de música instrumental em diversos gêneros*], vários espaços, vários projetos. Buscam-se os grupos para se apresentarem nesses espaços. Eles vão conversando com o diretor de programação e deixando seus materiais.

E foi bom o resultado?

Foi muito interessante. Agora estamos propondo mais avanços, porque é possível unir outros agentes nesse processo. O BNB poderia usar seu programa de financiamento para ajudar músicos a comprar equipamentos. Com isso, ele poderia quebrar aquela imagem de um banco que deixa o pessoal da área da cultura reticente, de não gostar de quem não está engravatado ou que não sabe usar documentos. Isso pode ser muito interessante para os produtores do Ceará e do Nordeste. Agora, a gente quer juntar o Sebrae, o BNB e os agentes nesse rodada.

Quais são os gargalos da música hoje?

Isso tem muito a ver com o pensamento do Fora do Eixo. Um pensamento poético do Fora do Eixo é que você não tem que sair de casa, não tem que ir para São Paulo ou para o Rio, para fazer música, por exemplo. Você pode ir, mas não é obrigado. Se eu estou em Quixadá e quero fazer o meu show, eu posso: abro a varanda da minha casa, convido os amigos e começo a fazer o show a partir daí. Posso saber que a cidade vizinha, Sobral, pode me receber e, depois, posso receber o vizinho. É um primeiro passo. E se você está organizado e forte o suficiente para dar outros passos, existe gente no Brasil inteiro que pode te ajudar a fazer isso. Há maneiras mais fáceis para organizar isso. Se eu botar o meu grupo dentro do carro e chegar lá, vou ser recebido. A atitude é mais ou menos essa: não precisamos fazer shows necessariamente para 30 mil pessoas. Será um pouco difícil no começo, mas é um caminho. E, por

tudo o que já aconteceu até agora – congressos, câmaras setoriais, eventos, intercâmbios – precisamos dizer: “Nós trabalhamos com música independente”. O slogan da Feira de Música avançou para: “Não adianta a música ser independente, se o seu ouvido não é”. Então, se permita ouvir outras coisas.

Um dos grandes focos é a formação de público?

Sim. Há coisas boas no Brasil inteiro, de todos os estilos. Todos os gostos musicais. Então, por que é que você só ouve isso ou aquilo? Deixe entrar outra coisa, se permita.

Quem é o público-alvo?

O público jovem é quem a gente pode realmente transformar. É mais fácil. Esse é o público do qual você se aproxima primeiro.

Quais são as estratégias para o público ir até vocês e para vocês chegarem ao público?

Com certeza a internet, em todas as formas: blogs, Flickr, sites, redes sociais e qualquer lugar onde seja possível a gente jogar essas informações. É preciso ir em todos os outros eventos, e aí você é convidado para todos os festivais, e convida todo mundo para ver o que cada um está fazendo de diferente. Aí vamos distribuir os fonogramas e os CDs nas rádios que são abertas. Temos uma parceria com a Associação de Rádios Públicas do Brasil (Arpub). Eles acabaram de fazer um festival nacional, reuniu um bocado de gente em Salvador. Por meio das rádios públicas, você não paga para distribuir esse material. Eles agora estão em vários festivais, não mais só na feira, também gravam e transmitem ao vivo a programação. São canais alternativos que a gente tem que ocupar.

E como faz um músico para viver agora?

Continua difícil. Aconteceu um projeto agora no Centro Cultural Banco do Nordeste, em Fortaleza, que era uma seletiva para um festival mundial. Uma das bandas ganhou, mas eles resolveram entre eles que o grupo vencedor doaria o cachê para o outro para que ele também pudesse ir para essa viagem. É uma puta forma de ser solidário. No dia a dia, nos projetos da cidade, nos festivais, o grupo ganha o cachê ou faz festas. Em Fortaleza, por exemplo, é difícil você entrar numa bodega que não tenha música ao vivo. Bares, supermercados, padarias, a música ao vivo está lá. Mas alguns grupos só se apresentam em lugares específicos pelo perfil dos seus trabalhos. Fora esse mercado do cachê, só resta fazer os seus discos e vendê-los

na hora do show. Aí o músico vira produtor também. De projetos, de outros grupos, de estúdio. Ele se diversifica.

Você trabalha também com cinema, fez produção para diversos curtas e longas. Como você tem acompanhado a produção de cinema no Ceará e no Nordeste?

Até certo tempo, era bem difícil. Você fazia um longa ou um curta-metragem na cidade a cada dois ou três anos. Era uma produção ainda pouco profissional, era na raça, era um evento a cada dia. Você não tinha certeza de nada na produção. Não tinha dinheiro, mesmo sendo um monte de gente muito bem intencionada, querendo fazer alguma coisa. O processo inteiro era extremamente cansativo e desgastante. Foi a partir de 1995 e 1996 que começamos a sentir uma profissionalização maior na área. Conseguiu-se pela primeira vez montar uma equipe que desse conta do processo inteiro: preparação, pré-produção, produção. A gente recebia algumas produções, que vinham de São Paulo, com uma puta equipe organizada, com tudo no seu lugar funcionando, com dinheirinho para tudo. Quando fazíamos nossas produções, falávamos: “Vamos ver o que é que a gente aprendeu com isso, o que dá para fazer mesmo com recursos bem menores”. Ao mesmo tempo, começamos também a concorrer a editais e contar com uma melhor distribuição de recursos. Foi ficando mais fácil de trabalhar e formar equipes. As pessoas trabalhavam e gostavam disso, mas não podiam esperar dois anos para trabalhar de novo. Então, iam para televisão, para estúdio e não saíam mais, porque também não iam arriscar. Havia poucas produtoras, o mercado publicitário não é tão aquecido no estado. Era precária a formação de profissional para a área. A partir de um determinado momento, a gente teve um grande número de curtas, que é uma delícia de fazer, e são ocasiões em que dá para preparar mais rapidamente as equipes. Hoje, você pode fazer até dois filmes de uma vez. Nada mais do que isso, porque você vai sentir falta de um ou outro profissional. Por exemplo: o diretor Hugo Carvana estava fazendo o longa *Não Se Preocupe. Nada Vai dar Certo*; a gente estava com a produção de *As Mães de Chico Xavier* [dirigido por Glauber Filho e Halder Gomes] no estado também; e estava em fase de pré-produção do longa *Homens Com Cheiro de Flor* [dirigido por Joe Pimentel]. Quando bateram as três produções, a gente estava brigando com espada por gente. Quando a Heloisa Rezende, que é a produtora executiva do Hugo Carvana, chegou, a gente não tinha mão de obra para todo mundo. Eu falei: “Vamos correr”. Alguns tiveram mesmo que vir do Rio e de São Paulo. Isso é ótimo, os profissionais se sentem valorizados.

Os produtores de cinema estão mais atentos à música nova, ou ainda é fraco esse diálogo?

Pelo menos no Ceará isso começou. O curta *Adeus, Praia de Iracema* [2001, dirigido por Iziane Mascarenhas] teve a participação do Ivan Ferraro, que é músico e produtor fonográfico, para fazer a trilha. Ele trabalhou em duas trilhas para ela e, com uma delas, ganhou o Festival de Recife. É um exemplo dessa coisa de você trazer para perto os profissionais. Mas é um processo que está se iniciando ainda.

E nas outras áreas, teatro, por exemplo?

Nós já temos alguns músicos fazendo trilhas para espetáculos. O *Duas Estações*, dirigido pela Dora Andrade – feito com a Edisca, um projeto que trabalha com crianças e adolescentes –, contou com as trilhas do Manassés de Souza. É maravilhoso. E já existem alguns outros projetos, como o Ponto.CE, um festival de rock. Ele trabalha em conjunto com dança.

Como a questão da cultura tradicional se incorpora dentro da Feira da Música?

Dentro da feira, a gente tem o projeto Música de Raiz, com grupos convidados. Quando eles mandam material, são tratados de uma outra maneira, não entram para as inscrições. A gente tem dois ou três grupos que vêm do Piauí ou do Maranhão. Os grupos populares são sempre muito grandes. No maracatu, a vinda deles é uma festa só. A gente os coloca como último grupo das apresentações, porque vira uma festa. É também uma forma para que os jovens escutem e vejam coisas diferentes. Para se encontrar com o lado mais tradicional.

Isso cria diálogos?

Sim. Pesquisas também. A história é que você passa quatro dias dentro da feira com mais ou menos 450 músicos do Brasil todo. Há programação às tardes e nas noites. Durante a tarde, temos encontros, workshops, grupos de trabalho; e a noite são apresentações. Depois das apresentações – até o outro dia – é o momento que esse povo faz essa mistura.

Conte três apostas suas pessoais da música que adoraria ver correr o Brasil.

My Fair Lady [banda cearense composta por Rodrigo End, Felipe Facó, Sam Alcantara, Lucas Beam e Artur Alcantara], Joseph K? [trio formado por Talles Lucena, Rildney Cavalcante e Johnny Wesley] e Vitoriano. My Fair Lady e Joseph K? fazem rock pesado, são muito interessantes. O Vitoriano é um trabalho su-

pernovo. Na realidade, eu o conhecia fazendo parte do grupo de rock Alegoria da Caverna, e eles se separaram agora. Ele está lançando um trabalho solo. É uma mistura, que tem um pouco de rock, de maracatu, de tudo um pouco. Para mim, é uma coisa muito nova.

Para assistir essa entrevista em vídeo:

<http://www.producaocultural.org.br/slider/valeria-cordeiro/>